

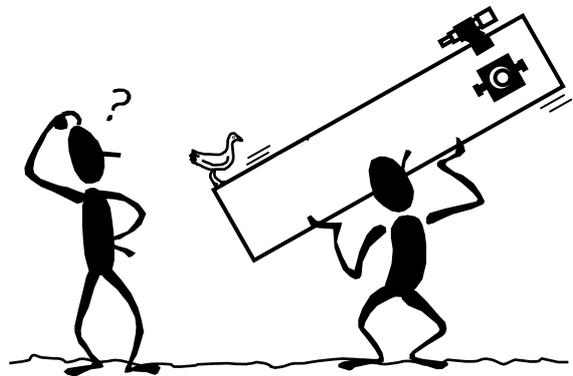
Histórias de astronomia e astrónomos amadores (parte 2)

Coordenação de Guilherme de Almeida

Nesta segunda parte veremos mais histórias verdadeiras, passadas com amigos. Contadas por quem as viveu, são interessantes para partilhar e constituem uma componente importante do que é viver e sentir a Astronomia.

Como é compreensível, em cada artigo tenho de escolher histórias de conteúdos e géneros variados, e também de autores diferentes. Por isso, não será surpreendente que quem enviou várias histórias não as veja aqui todas, de uma só vez, ou que alguém se dê conta de que ainda não saíram as histórias que enviou. A seu tempo aparecerão.

Como já foi referido, algumas histórias foram ligeiramente retocadas, corrigindo gralhas, adaptando textos, ou resumindo relatos demasiado longos, sem desvirtuar os originais. Agradeço desde já, aos respectivos autores, o envio destas histórias tão interessantes. Continuaremos na parte 3.



1. A Astronomia e o Além

"Costumo passar as minhas férias com a família numa aldeia da Beira Alta e aproveito sempre para levar o meu telescópio Schmidt-Cassegrain de 8 polegadas e explorar aquele céu maravilhoso, quase sempre na companhia de várias pessoas (da terra ou em férias), junto das quais tenho divulgado esta paixão pela observação celeste.

Hoje já toda a gente me conhece e aqueles que são entusiastas estão ansiosos pela minha chegada, mas ao princípio não foi bem assim. No início, estas minhas incursões pela noite eram um tanto ou quanto solitárias, o que começou a criar alguns “anticorpos” nas mentes mais complicadas (...), mas só comecei a dar conta disso muito tarde, talvez no segundo ou terceiro ano de férias.

Então, como a melhor arma nestes casos é a divulgação, resolvi falar deste meu *hobby* no café lá do meio da rua (como se diz por lá) e comecei a ter um grupo de interessados—e até mais de interessadas— sobre os assuntos das estrelas.

Num determinado dia ficou combinado que quem quisesse poderia aparecer à noite na clareira do pinhal (onde eu costumava ir), para participar numa sessão de Astronomia. As minhas expectativas foram completamente ultrapassadas quando me vi a dar uma aula de Astronomia a quase toda a população da aldeia, já que tinha funcionado a divulgação boca-a-boca.

Toda a gente ouviu atentamente o que eu tinha para dizer e depois começaram as perguntas. E aqui é que começou a confusão, já que a força do boato se revelou superior à verdade (...). As perguntas começaram por ser de astrologia, comigo a responder de forma completamente decepcionante para essas pessoas e chegaram mesmo a abordar algo que eu penso tenha a ver com sessões de espiritismo ou magia negra, que era o que se pensava que eu andava a fazer naquele pinhal. Perante tamanha desilusão, toda a gente debandou com a frustração de quem vinha para um fogo de artifício e afinal não há foguetes. Ficaram os cinco ou seis resistentes que ainda hoje formam o grupo de entusiastas da Astronomia das férias de Setembro na aldeia. Isto passou-se já há uns quinze anos e hoje já todas as pessoas se habituaram ao que chamam, julgo eu que carinhosamente, “os malucos da Astronomia” (...).

Pedro Fernandes (Queluz)

pedro-fernandes@netcabo.pt

2. Onde está a estrela Polar ?

Na Astronomia de Amadores há coisas que nós sabemos, outras que “pensamos que já sabemos” e outras que “não sabemos mesmo”. Mas esta história refere-se a uma coisa que eu “sabia mesmo”, sem qualquer dúvida.

Tudo se passou numa *Astronomia de Verão*, nos finais dos anos “90”, na Costa da Caparica. Nessa noite, eu, o Leal Silva e o Gil procurávamos, como habitualmente, interessar os veraneantes pelas maravilhas celestes. Nossa noite Júpiter surgia, imponente, mais ou menos a Sueste, já bem alto sobre o horizonte. Estava eu a “mostrar” o planeta gigante através do telescópio, aos passeantes que se abeiravam de nós, quando ao meu lado alguém diz, apontando para Júpiter:

— Aquela é a estrela polar !

Quando percebi que o indivíduo se referia a Júpiter, não pude ficar calado, como é óbvio e, com muito cuidado, tentei esclarecer as coisas, tendo-se estabelecido entre nós o seguinte diálogo:

Eu — Bem, amigo ... Penso que não está a olhar com muita atenção, pois há por aí um “pequeno” equívoco. Já percebi que o amigo sabe “umas coisas” disto. Se reparar bem, verá que *aquilo* não é uma estrela. Como vê, não cintila, porque é realmente um planeta e não uma estrela. De facto, aquele é o planeta Júpiter, que temos estado aqui a mostrar a estes amigos. Pode “espreitar” pelo telescópio, se quiser.

O outro — O quê? Você quer-me ensinar, *a mim*, o que é a estrela Polar?

Eu — Bem ... eu não quero duvidar dos seus conhecimentos, por isso chamo a sua atenção para o facto de que, como deve saber, a estrela polar (como o nome indica) é visível sempre a Norte, na direcção do Pólo Norte Celeste. Aliás, lá está ela (dizia eu, apontando para a Polar).

O outro — Nada disso. É aquela (e apontava para Júpiter), está sempre além.

Eu — Olhe que está enganado. Se voltar a olhar para lá daqui a um bocado verá que já “subiu” mais um pouco e se deslocou para a direita.

O outro — Não, não !

E com “esta” virou-me as costas, resmungando. Ainda consegui ouvir:

“Vêm para aqui estes tipos, que não percebem nada disto, e depois é o que vê ...”

e mais qualquer coisa que já não consegui entender.

De todo o episódio, o que mais me “magoou”, foi o facto de a pessoa em questão nem sequer ter querido “espreitar” pelo telescópio. Era para isso que nós lá estávamos ...

Alcaria Rego (alcaria.rego@mail.telepac.pt)

3. O afogado

Estávamos na Ilha de Faro, a fazer as sessões da Astronomia na Praia (futura Astronomia no Verão), da responsabilidade do Clube de Astronomia da Escola Secundária Pinheiro e Rosa, quando tivemos uma peripécia engraçada que passo a referir (eventos relatados por mim mas vividos por todos os membros do Clube).

Em dado momento de bastante afluência (a “entrada” da praia estava cheia de gente) chega um carro em grande velocidade, faz meio pião, trava com alarido e lá de dentro sai um homem que deixa a porta aberta e pergunta com ar consternado a todos quantos o observam: “O que foi? Que aconteceu? Alguém se afogou?!”

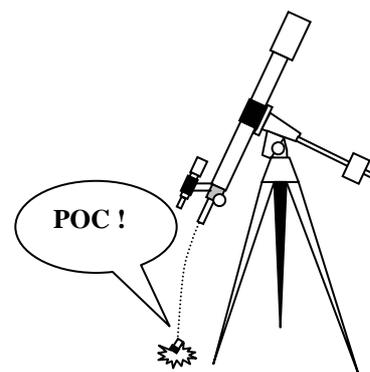
Ana Carla Campos (Vila do Conde)

(ana_carla_campos@hotmail.com)

4. Anarquistas amadores

Esta história passou-se em meados dos anos 70 do século passado, na Alemanha. Eu e mais três amigos fomos observar com um telescópio refractor de cor verde, 120/1200, e um pequeno reflector de Newton, de fabrico caseiro, pintado de preto.

Montámos os telescópios junto de uma pequena aldeia, perto de uma auto-estrada, para tentar observar e fotografar um asteróide que nos interessava. Os telescópios apontavam, de certa forma, em direcção a uma auto-estrada (tapada por uma pequena floresta). Após uma hora e pouco mais, ainda estávamos nos preparativos, ouvimos dois helicópteros que se aproximaram e pouco depois poisaram mesmo ao lado de nós. Ainda não tínhamos bem percebido por que podiam ali poisar, ouvimos uma voz através de um megafone a solicitar que depuséssemos as armas, levantássemos as mãos no ar e que nos afastássemos dos



"canhões". Obviamente cumprimos as ordens à letra. Ficamos logo rodeados por um grupo impressionante de militares fortemente armados.

Aparentemente alguém na aldeia tinha logo telefonado para a polícia, que naquela altura (na Alemanha) era muito sensível por causa dos atentados dos terroristas de um grupo chamado Baader-Meinhoff. Não foi preciso explicar nada. Viram logo que não eram canhões e deixaram-nos em paz. No entanto, não pediram desculpas (pelo menos pelo susto que nos causaram).

Grom Matthies

grom@ip.pt

5. Os novos poderes do telescópio

Em 1996, quando orientei a segunda edição do curso de 35 horas “Astronomia: noções fundamentais e práticas de observação”, chegou o dia em que iriam começar as observações com telescópios. Já se tinham dado algumas horas de formação, abordando conceitos fundamentais, telescópios e correspondente montagem e desmontagem. Por azar, nessa noite o céu estava totalmente encoberto e a chuva era torrencial daquelas que fazem lembrar o dilúvio. Um a um, os meus formandos (todos professores) iam chegando e eu lá me ia “desculpando” com as condições meteorológicas. Todos compreenderam prontamente a situação (e já sabiam que nessas condições não seria possível fazer observações com telescópios ópticos). Até que chegou um formando que disse:

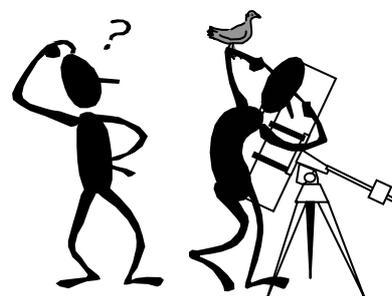
— Então hoje não há observações ? É o que estava programado esta noite!

Lá lhe respondi que o S. Pedro não tinha sido generoso connosco e, que as condições meteorológicas não permitiriam *nenhuma* observação naquela noite. E justifiquei. Não pareceu conformado e respondeu com convicção:

— Mas temos cá telescópios. Portanto, podemos ver através das nuvens!

Guilherme de Almeida (Lisboa)

g.almeida@netc.pt



6. Sinais suspeitos

O sucedido deu-se no Verão de 2000, quando fui com um amigo para a praia do Furadouro fazer observações no céu nocturno (sei que as praias não são os melhores locais de observação). O meu amigo levou um foco para ser mais fácil encontrarmos os objectos que estavam incluídos num livro sobre estrelas e planetas. O foco falhava tantas vezes que emitia luz intermitente...

Usando esse foco, eu apontava para o céu, na direcção adequada, para que o meu amigo soubesse o que estávamos a observar com o binóculo. Ficámos assim durante uma boa hora a fazer observações. No final, quando estávamos a sair da praia, veio um polícia atrás de nós. Pensava que estávamos a traficar droga!!

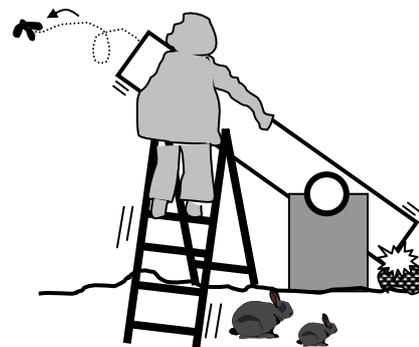
Perguntou logo: "Então e o que é isso que tem na mão? Julga que me engana e que estão aqui para observar?" Não..., respondemos, é apenas um livro de Astronomia".

Ainda tivemos de apontar o foco para ele ver o título do livro... Mesmo assim, ainda acrescentou: "Então para que é que andavam a fazer sinais com o foco?". Procurei justificar: " Estava simplesmente a apontar ao meu amigo a estrela que estava a ver. Só isso."

Só depois de muita insistência é que o guarda acreditou finalmente que estávamos lá para observar e não para traficar. Se não tivesse o livro à mão, era quase certo que íamos visitar a esquadra pela primeira vez... Ele nem sabia o que era um binóculo. Chegou a pensar que era uma arma!

Jorge Almeida (Válega)

jorgemotalmeida@netc.pt



7. A face humana da Lua

Estive uns dias num parque de campismo na Espanha, na zona de Marbella. Quase todas as noites fazia observações e convidava quem ia passando a dar uma espreitadela. Uma das noites, um miúdo com 10 ou 11

anos esteve comigo a observar a Lua. Ficou extasiado e final perguntou-me: "*Muito bonito...então quer dizer que afinal a Lua não tem olhos nem boca, certo?*"

Não estou a mentir e o rapaz não estava em tom de brincadeira...

Em outra das sessões que fiz houve um pequeno grupo de pessoas que também esteve a observar a Lua (parece ser este o astro que mais cativa as pessoas e as faz dizer "ahhh que maravilha"). Gostaram muito e no final perguntaram: "*Quanto é que devemos pela observação?*" É claro que não aceitei qualquer tipo de pagamento.

Luís Filipe Brás (luis.bras@oninet.pt)

8. A “linguagem” universal

No decorrer de uma sessão pública, notámos que um rapaz de cerca de 30 anos rondava o telescópio, mas nunca se colocava na fila de observação, nem perguntava nada. Após algum tempo foi-se embora e voltou acompanhado por uma jovem que disse: "*Este senhor é espanhol, tem muita curiosidade em observar pelo telescópio, mas tem medo que não o entendam. Por isso foi-me buscar para servir de intérprete. Acham que é preciso?*" Lá dissemos que falávamos mais “portunhol” do que espanhol, mas que não devia ser difícil entendermo-nos. No final, o senhor foi para a fila, observou a Lua durante alguns momentos e foi-se embora sem dizer uma palavra.

Paulo de Almeida (Vieira de Leiria)

almtree@astropor.com